

O ENSINO COMO ATO DE RESISTÊNCIA EM DIÁRIO DE ESCOLA

TAECHING AS SYNONYMOUS OF RESISTANCE IN DIÁRIO DE ESCOLA

Anderson Ibsen Lopes de SOUZA¹
Raquel Lazzari Leite BARBOSA²

Resumo: O presente estudo aborda a obra *Diário de escola*, do escritor francês Daniel Pennac, a partir de um viés crítico embasado à luz dos conceitos de globalização e de pós-modernidade, onde confrontamos tais conceitos ideológicos com os paradoxos da educação na atualidade, tudo no intuito de verificar a possibilidade de se trabalhar o ensino como ato de resistência. Nesse romance de teor autobiográfico, que traz a figura de um bem-sucedido professor que fora um aluno problemático e com dificuldade de aprendizagem, Pennac demonstra que a escola tradicional apenas reproduz a ordem social hegemônica, abandonando aqueles jovens que não conseguem se adaptar ao sistema. Apesar de a escola muitas vezes querer transformar os alunos em meros indivíduos, há ainda aqueles professores que buscam salvar os alunos do “afogamento”; e são estes magistrados revolucionários que podem livrar os “lerdos emblemáticos” desse sistema inexorável, que cria no microcosmo escolar uma separação social. É assim que Pennac sugere que a educação escolar seja um ato de resistência contra esse sistema opressor, para que o universo escolar, ao invés de vaticinar o sucesso ou o fracasso dos jovens que lá buscam, se torne um ambiente propício ao desenvolvimento das potencialidades de cada estudante.

Palavras-chave: educação, resistência, escola, ordem social.

Abstract: This paper approaches the novel *Diário de escola*, by the French writer Daniel Pennac, from a critical point of view based on globalization and post-modernity concepts; we confront these ideological concepts with the current educational paradoxes, in order to verify the possibility of taking teaching as a resistance act. In this autobiographical content novel, that brings a successful teacher character that was a trouble-maker student with learning disability when young, Pennac shows that traditional school just reproduce the hegemonic social order, leaving those students who cannot adapt themselves to the system. Although school often wants to transform students in mere individuals, there are still those teachers who look for save these students from “drowning”; and these revolutionary teachers are those who can free the “emblematic nerds” from this inexorable system, which creates in scholar microcosm a social segregation. Thus, Pennac suggests that schooling be a resistance act against this oppressor system, to that the school universe, instead of predicting success or failure of youngsters who seek to this place, become a place conducive to each student potentialities development.

Keywords: education, resistance, school, social order.

INTRODUÇÃO

A obra de arte literária, como revelação da plenitude do real feita por meio de um tipo de experiência da linguagem, a escrita, tem o potencial de se constituir em elemento capaz de alargar as visões de mundo dos seus leitores pela possibilidade de apreensão do homem e de suas peculiaridades, porque a literatura “é no homem aquela vocação misteriosa e imprevisível condicionada por mil elementos exteriores e íntimos, mas desabrochada pelo mistério do espírito que sopra onde quer” (LIMA, 1956, p. 17). *Diário de escola* é uma dessas obras, de cunho acentuadamente social, onde discussões educacionais são apresentadas em toda a narrativa e novas perspectivas são idealizadas para o trato com o aluno, em especial para aquele menos interessado no ambiente escolar, a partir do que o leitor é motivado a imaginar novas propostas de atitudes docentes pelos questionamentos levantados.

¹ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus de Umirim, Umirim, Ceará, Brasil. E-mail: andersonibsen@outlook.com

² Professora Adjunta da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Assis, Assis, São Paulo, Brasil. E-mail: raqueleite@uol.com.br

É inegável o fator autobiográfico contido na obra do francês Daniel Pennac, como o nome próprio do autor, sua profissão, local de origem, além das recordações da sua adolescência; porém, não nos ateremos neste ensaio ao pacto autobiográfico, uma vez que “[...] justamente porque é uma comunicação expressiva, a arte pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista” (CANDIDO, 2006, p. 32).

Na verdade, o romance, enquanto gênero artístico, acaba por se moldar às próprias vivências do leitor, o qual se transforma em um coautor quando da leitura da obra. É por esse motivo que a análise que aqui faremos de *Diário de escola* não versará sobre a autobiografia de seu autor, e sim sobre o posicionamento de seu personagem principal acerca do ensino como ato de resistência contra a exclusão social de jovens que não se adaptam ao sistema escolar.

Consciente de suas limitações enquanto aluno e de suas potencialidades de adulto no outro lado do jogo, agora como professor de francês, no romance em apreço, Pennac rememora sua adolescência enquanto estudante e suas lembranças se misturam aos questionamentos do educador da atualidade, que reprova a atitude de alguns magistrados, que tão somente reproduzem a ordem social hegemônica, abandonando aqueles jovens que não conseguem acompanhar o que a eles é transmitido pela escola, que não conseguem decorar tudo o que lhes é ensinado. A escola, como fica evidente na obra, torna o aluno presa fácil na sociedade contemporânea, que, movida pela lógica de consumo e pela informação, acaba por tirar dos alunos a possibilidade de se tornarem sujeitos autônomos, transformando-os em meros indivíduos, obrigados a decorar conteúdos avultantes, muitas vezes sem sentido para eles, sendo tachados de *lerdos* caso não acompanhem o conteúdo ministrado pelos professores.

Mas há aqueles professores que, de forma revolucionária, buscam salvar os alunos do *afogamento* a que estes estão sujeitos no ambiente escolar; e são estes mestres quem verdadeiramente podem livrar os *lerdos emblemáticos* do fatídico futuro que para eles foi vaticinado. É assim que a leitura que fazemos de *Diário de escola* nos indica que ali há a sugestão de que a educação escolar deve ser um ato de resistência contra esse sistema opressor, para que o universo escolar, ao invés de predizer o sucesso ou o fracasso dos jovens que naquele ambiente estão inseridos, torne-se um local propício ao desenvolvimento das potencialidades de cada estudante.

1. A ESCOLA E A ORDEM SOCIAL HEGEMÔNICA

Diário de escola é um romance que apresenta sérios questionamentos acerca do respeito ao sujeito educando, seja no ambiente escolar, seja em seu convívio social/familiar. A obra aborda a falta de perspectiva tanto por parte da escola quanto da própria família daqueles jovens que não se sobressaem frente a seus pares, a maneira que certos

professores encontram de repassar conteúdos, bem como o descaso desses jovens com a própria formação ou com seu futuro. Embora Pennac não trate especificamente de metodologia ou de didática, sua visão de profissional da área do magistério que passou por sérios problemas educacionais enquanto aluno faz-nos repensar no ensino não apenas em âmbito francês ou europeu, mas em nível global, uma vez que mesmo o autor tendo origem francesa, o problema do processo ensino-aprendizagem atinge praticamente todos os povos, o que nos induz a também encontrar no romance analisado uma resposta para o drama da realidade brasileira.

Ao analisarmos as discussões surgidas em *Diário de escola* sobre o problema da relação entre escola e aprendizagem dos educandos, somos instigados a realizar vários questionamentos: como se deu a constituição da escola enquanto instância autorizada para transmitir conhecimento? A organização estabelecida dentro do espaço escolar é realmente efetiva? Como anda a formação de professores nos círculos acadêmicos? Como encarar o aluno que não aprende, se isso pode não ser sinônimo de que ele não irá se dar bem na sociedade? Pennac não aborda os processos ligados ao desenvolvimento das capacidades mentais, muito menos as teorias da aprendizagem; o que ele realmente quer é fazer com que reflitamos sobre o papel da escola na sociedade, deixando na mão do professor a responsabilidade de lutar pela mudança dessa organização estabelecida há séculos.

Para refletirmos sobre essa relação de ensino-aprendizagem que permeia toda a obra de Pennac, poderíamos o livro *Metafísica*, de Aristóteles (1984, p. 11), em cuja abertura temos que “Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer”. Isso nos leva a entender que o processo de significação e ressignificação da natureza, a construção do conhecimento, é uma atividade de que o ser humano é capaz; que temos o potencial de apresentar atitude reflexiva frente ao mundo que nos cerca; que indistintamente, todas as pessoas têm a capacidade de adquirir conhecimento, de desenvolver suas funções cognitivas. Ora, se assim é verdade, “[...] os saberes escolares, entendidos como a tradição cultural e científica”, deveriam possibilitar “[...] a visão verdadeira e essencial da própria experiência e do mundo” (GARCIA, 2002, p. 95), já que está em nossa essência o desejo de conhecer. Desse modo, o ambiente que fora projetado para repassar o conhecimento historicamente acumulado àqueles que o buscam, ou seja, a escola, deveria ser uma instituição a funcionar muito bem, visto ser natural ao ser humano a faculdade de pensar, buscar o conhecimento, querer aprender. Mas não apenas o romance analisado, como a própria experiência nos indica o ledô engano desse silogismo.

Apesar de sua natureza humanizadora (capaz de dotar o ser humano de esclarecimento, de autorreflexão), o que pressuporia para todo e qualquer indivíduo tanto o direito biológico quanto o igualitário à aquisição de conhecimentos sistematizados, a escola também funciona como um local de exclusão: reproduzindo a ordem social vigente, ela exclui aqueles que não se adaptam às suas leis, os que resistem ao sistema imposto e, o mais assustador, os que simplesmente não conseguem acompanhar o ritmo dos profes-

sores em relação ao conteúdo ministrado. A escola, como um microcosmo social, acaba por refletir em sua estrutura a inexorabilidade do mundo capitalista, que em sua ânsia competitiva, vai deixando para trás aqueles menos aptos ao seu sistema.

Nas últimas décadas surgiram várias teorias questionadoras do modelo educacional do Ocidente, confrontando a propagada ideia da neutralidade da escolarização, a qual afirmava que, uma vez que a escola dá condições iguais aos indivíduos, competiria a partir de então somente a eles o avanço na carreira acadêmica e a consequente ocupação em posições sociais hierárquicas, variando o grau dependendo do maior ou menor esforço de cada um. Tais teorias trouxeram uma visão pessimista a esse modelo escolar, apontando para as falsas promessas do ensino de massas; é aí que a educação “[...] perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 14).

De fato, com o processo de globalização e a consequente evolução e organização do sistema capitalista a nível mundial, fenômeno este que permeia todos os âmbitos das relações sociais, dentre eles também o escolar, a escola passa a ser um ambiente de reprodução desse sistema. E assim como nem todos os países estão equipados tecnológica, científica ou economicamente, e muitos deles ao invés de participar ativamente no processo de globalização passam na verdade a ser globalizados, também as pessoas de uma mesma sociedade, não tendo as mesmas oportunidades/potencialidades/capacidades, acabam por ficar à margem do processo, o qual, em sua celeridade, não espera por ninguém, desrespeitando qualquer espírito de fraternidade ou solidariedade.

Isso é notório em *Diário de escola*, onde o autor nos interpela para que possamos agir contra “[...] a solidão e a vergonha do aluno que não entende, perdido num mundo em que todos os outros se entendem” (PENNAC, 2008, p. 33). Confrontando tal pensamento com o discurso sobre globalização, entendemos que embora esta venha tornando a vida social e cultural dos povos de todo o mundo mais próximas pelo intercâmbio não apenas de ordem econômica, mas também de ordem cultural entre as diversas nações, ainda encontramos grupos pequenos (como o do ambiente escolar em que o jovem Pennac se encontrava), em que seus integrantes falam a mesma língua, frequentam basicamente os mesmos locais, assistem às mesmas aulas, enfim, têm praticamente as mesmas oportunidades, mas que por não se adaptarem ao sistema, são marginalizados em seus círculos sociais.

Uma análise sociológica da obra nos leva ao entendimento de que a massificação do ensino, característica da escola pública da modernidade, não trouxe a tão esperada justiça social (já que se prometia igualdade nas oportunidades a todos os indivíduos), mas sim reproduzia e legitimava as desigualdades sociais, com a busca pela sujeição e controle dos educandos, a mera formação técnica para as massas (em detrimento da

formação científica e cultural para a elite), com a consequente exclusão daqueles que não se adaptam ao modelo proposto, servindo assim como legítimo aparelho ideológico da classe dominante.

Em todo o romance há uma crítica patente em relação à globalização da economia e sua influência no âmbito escolar, o que para o autor vem desmotivando os jovens para o aprendizado sistematizado. Exemplo é quando Pennac, já no final do romance, ironicamente faz a seguinte indagação em relação ao mau aluno:

Por mais lerdo que ele seja em classe, não vai ele se sentir mestre do universo, fechado no seu quarto, diante da Internet? Cantando até a madrugada, não experimenta ele a sensação de se comunicar com a Terra inteira? Seu teclado não lhe promete acesso a todos os conhecimentos solicitados por suas vontades? Seus combates contra exércitos virtuais não lhe oferecem uma vida palpitante? Por que trocaria ele esta posição central por uma carteira de sala de aula? Por que suportaria ele os julgamentos reprovadores dos adultos debruçados sobre o seu boletim escolar quando, trancado no quarto, desvinculado dos seus e da escola, ele reina? (PENNAC, 2008, p. 228).

De fato, com a globalização da economia e a consequente formação de uma sociedade da informação, a escola deixou de ser o único espaço onde adquirimos conhecimento; em especial com o advento da *internet*, ferramenta que nos põe em contato com todas as culturas e civilizações, com uma grande parcela do patrimônio histórico-social acumulado pela humanidade, a escola passa a ser questionada enquanto espaço legítimo para a formação dos indivíduos, já que temos acesso virtual a um conteúdo praticamente ilimitado de conhecimento. Além disso, a monotonia do sistema convencional de transmissão do conhecimento, taxada por Paulo Freire (1987, p. 59) como “educação bancária” – aquela em que o educador “deposita” no educando o conteúdo programático da educação, sem possibilitar aos educandos a dialogicidade, a problematização, a libertação de uma condição de opressão leva os educandos a desacreditarem no papel da escola enquanto redentora da opressão social e principal veículo de libertação dos indivíduos. No caso de *Diário de escola*, leva o jovem Pennac a não se adequar àquele espaço, àquela conformação, justamente porque da maneira como ensinavam, não se buscava unir o conteúdo ministrado aos interesses dos alunos.

O maior problema, contudo, é que, por desacreditar no papel da escola, estes jovens se tornam vítimas de uma alienação do próprio acesso à tecnologia, pois que os recursos tecnológicos (como seu exemplo máximo, a *internet*) não proporcionam apenas conhecimento, mas também diversão, e assim os indivíduos, trocando o acesso às ferramentas e ao conhecimento técnico-científico pelo simples lúdico, deixam de se apropriar dos verdadeiros utensílios capazes de atuar na vida real, deixando assim de produzir uma tarefa com autonomia para viverem uma vida em que tudo vem pronto, em que tudo é acessível e nada é suficientemente arriscado, ou seja, potencialmente perigoso para sua integridade física, onde se pode lutar e morrer quantas vezes quiser sem necessidade

de questionamentos sobre o valor da vida humana, diplomacia, consequências de uma guerra etc.

Além disso, o próprio acesso à informação ilimitada, os conhecimentos solicitados por suas vontades, dando uma sensação de autonomia ao sujeito porque ele próprio é quem seleciona aquilo que quer aprender, infelizmente na maioria das vezes não funciona corretamente, pois além de as tecnologias, pelo lúdico que também proporcionam, poderem distrair o indivíduo do real propósito que seria a aquisição de conhecimento, o aprendizado também deixa de se sistematizado, como o é na escola, que segue um programa adequado à faixa etária e busca partir daquilo que o indivíduo já conhece. Assim, a chance de a autoformação não acontecer efetivamente é grande, tornando o indivíduo refém de sua própria ignorância, lançado num meio de informações as mais variadas possíveis.

E o papel da escola nesse momento histórico é justamente o de resgatar os jovens desse estado letárgico em que se encontram. Na verdade, o ser humano, em sua inconclusão, necessita de se humanizar, o que só acontece quando ele é livre, mas ao mesmo tempo se torna um ser responsável por si mesmo; e “[...] uma educação que busca promover a autoformação do educando precisa educar para a autorresponsabilidade” (DA MATA, 2012, p. 29).

Em um conflito entre o jovem de há quinze anos e o professor da atualidade, Pennac alerta o leitor para o risco que as novas tecnologias trazem à população da contemporaneidade. Com seus atrativos tecnológicos e com uma gama de produtos mercadológicos à nossa disposição, a sociedade vem perdendo o respeito pelo ser humano, reduzindo tudo e todos a valores monetários, reificando os povos e as relações entre eles. O próprio personagem se indaga se caso tivesse nascido quinze anos depois, não seria somente um *lerdo*, mas talvez um “lerdo hiperconsumista”, dado a realidade da sociedade contemporânea, influenciada pelo *mass media* e induzida ao consumo irrefreado.

Diário de escola apresenta os problemas intra e extraescolares, os déficits de aprendizagem de jovens, a influência dos recursos tecnológicos na falta de interesse dos alunos em relação aos saberes veiculados na escola, a dificuldade ou falta de interesse dos professores em lidar com esses problemas. E tudo isso tem como objetivo mostrar que a escola, que teria o papel de salvar esses adolescentes do grau de ignorância por eles apresentado, pois “O mau aluno não se considera nunca ignorante [...]. O lerdo se vê como indigno, ou como anormal, ou como revoltado” (PENNAC, 2008, p. 233), não consegue resolver o conflito entre o conhecimento dos professores e o estado de ignorância dos alunos, preferindo manter os jovens que não conseguem se adequar ao sistema à margem do processo de ensino, taxando-os de lerdos, maus alunos, problemáticos.

Talvez esse fato se dê com maior incidência na pós-modernidade porque o ensino, deixando de conter em si a formação cultural e o desenvolvimento crítico, atualmente

visa apenas transmitir informações, que devem ser memorizadas pelos alunos, sem nenhum questionamento ou pensamento, isto é, sem contribuir com a efetiva emancipação do sujeito. Conforme assevera Lyotard,

A transmissão dos saberes não aparece mais como destinada a formar uma elite capaz de guiar a nação em sua emancipação. Ela fornece ao sistema os jogadores capazes de assegurar convenientemente seu papel junto aos postos pragmáticos de que necessitam as instituições. (LYOTARD, 1988, p. 89).

De acordo com o teórico, o ensino, até mesmo o de nível superior, não mais proporciona aos jovens estudantes qualquer tipo de questionamento; na verdade, hoje se transmite ao aluno o essencialmente transmissível, incapacitando-o de desenvolver seu lado crítico e argumentativo, tudo em prol de que ele apreenda o mais rápido possível uma quantidade de conteúdo de uma área assaz específica. Para o teórico, “A questão, explícita ou não, apresentada pelo estudante profissionalizante, pelo Estado ou pela instituição de ensino superior não é mais: isto é verdadeiro?, mas: para que serve isto?” (LYOTARD, 1988, p. 92).

O que está em jogo, portanto, não é mais o aprendizado simplesmente para a erudição, como era comum na antiguidade clássica, ou mesmo para uma formação cultural e científica abrangente, solicitação da burguesia quando lutava pelo direito de ter acesso ao mesmo saber que a nobreza tinha, e sim a formação aligeirada, disposta a preparar os indivíduos para o mercado de trabalho, ou melhor, para servir a uma elite econômica, social e cultural. Alienado, o homem acaba por se deixar levar pela ideologia contemporânea do consumismo e do prazer virtual proporcionado pelas novas tecnologias, abdicando do seu direito de compreender a realidade em que está inserido e lutar por sua própria emancipação enquanto sujeito histórico que é.

Para Daniel Pennac, o papel do professor deveria ser o de fazer com que os jovens entendessem o seu papel de sujeitos históricos, saindo do marasmo em que se encontram, alcançando, cada um, a própria liberdade enquanto indivíduos sociais. Contudo, o romance mostra claramente que alguns professores em nada contribuem para a emancipação discente; na verdade, certos magistrados não sentem remorso algum em reprovar o aluno, ou mesmo em relegá-lo à margem do grupo de que o jovem faz parte. E a lógica do capital e da atual formação social pode justificar tal atitude, pois que na busca da reprodução de competências sociais onde os canais de transmissão (mais precisamente os professores) funcionam num igualitarismo aristocrático, a escola acaba por não tentar trabalhar com as diferenças, simplesmente punindo aqueles que não se conformam à ordem estipulada.

Diário de escola mostra que a maioria dos professores, ao invés de contribuir com a finalidade para a qual a escola foi criada, na verdade agem opostamente a isso, rotulando alguns jovens como *lerdos*, ou seja, vagarosos, preguiçosos, inaptos (ou quase isto)

ao aprendizado sistêmico, afogando-lhes nesse meio social do ambiente escolar que em nada contribui para a emancipação dos indivíduos.

Quando os educadores não dialogam com as massas, ou seja, quando eles não procuram entender os problemas e as dificuldades do próprio processo de ensino e aprendizagem; quando os educadores, ao invés de transformarem os educandos oprimidos pelo sistema de ensino, pela sociedade e pela vida em seres autônomos e emancipados, transformando-os em meros objetos da ação pedagógica ou revolucionária, eles matam a vida, em lugar de alimentarem-na, quer dizer, tornam-se necrófilos, em lugar de biófilos (GARCIA, 2002, p. 139). Tal pensamento nos ajuda a entender as atitudes não só da maioria dos professores que Pennac teve enquanto jovem estudante no subúrbio francês, mas de inúmeros outros, nas mais diversas localidades do mundo que, ao invés de questionarem sua própria atividade e sua funcionalidade, preferem viver no comodismo e manter o *status quo* de uma sociedade da qual ele próprio, o professor, também se constitui em um ser manipulado e alienado.

Por estas palavras, entendemos que embora vejamos a relação aluno-professor em sala de aula como uma relação hierárquica em que este último é quem dita as regras, quem reproduz no ambiente escolar a ordem social hegemônica, o professor também é uma vítima desse sistema, de forma que, para se moldar a ele, é preciso perder muito de sua natureza, do seu desejo de aprender (conforme o pensamento aristotélico). De fato, “[...] o educador que, entregue a procedimentos autoritários ou paternalistas que impedem ou dificultam o exercício da curiosidade do educando, termina por igualmente tolher sua própria curiosidade” (FREIRE, 2008, p. 84-5).

2. O SALVAMENTO DOS LERDOS EMBLEMÁTICOS COMO RESISTÊNCIA

O romance autobiográfico de Daniel Pennac deixa evidente sua atitude de resistência à anulação do aluno no ambiente escolar; tal atitude é o seu compromisso, enquanto ex-aluno, professor, profissional, enfim, enquanto ser humano, com a transformação do outro. A obra traz a visão de que, apesar de a maioria dos professores empenharem-se tão somente nas reprovações dos alunos e em detectar os erros destes, alguns docentes são capazes de levar os alunos a acreditarem em si mesmos, de conquistar cada um a sua própria liberdade; e são esses professores os que podem *salvar* os jovens, especialmente aqueles que são taxados como maus alunos, do estado de ignorância, de revolta ou mesmo de nulidade em que se encontram. É interessante o exemplo relatado pelo jovem Pennac ao rememorar as aulas de matemática:

Guardo algumas lembranças de brigas noturnas, na cidade, e acertos de contas internos que não deviam nada à ternura. Mas, desde que entrávamos na sala de aula do professor Bal, ficávamos como que santificados pela nossa imersão na matemática, e, passada a hora, cada um de nós se refazia como *mathematikos!* (PENNAC, 2008, p. 205).

Vemos pelo relato não apenas o aprimoramento racional dos discentes, fruto da aquisição do conhecimento científico repassado em sala de aula, mas uma verdadeira mudança de conduta desses jovens, autogovernamentabilidade por eles adquirida e a consequente aprendizagem dos conteúdos ministrados sistematicamente, o que só é possível por meio de uma formação mais profunda, cultural até, similar à *Bildung* do romantismo alemão, a qual

[...] pressuporia ‘independência’, ‘liberdade’ e ‘autonomia’, constituindo-se como uma espécie de autoformação em que, na relação com o meio, com o outro e, especialmente, consigo mesmo, o homem desenvolveria as disposições naturais e se apropriaria vivamente da cultura (*Kultur*), formando a sua alma e, gradativamente, representando o caminho do espírito humano. (PAGNI, 2012, p. 37-8)

Os jovens colegas de Pennac, “meio saídos todos do lixão de Djibuti” (PENNAC, 2008, p. 205), eram indóceis como o meio onde viviam; necessitavam de uma relação mais cortês e fraterna com seus professores. Este pensamento é corroborado pelas palavras do próprio autor, que acreditava que uma parte do seu ofício “consistia em persuadir *meus* alunos de que a gentileza, melhor do que o tapa na cara, predispõe à reflexão, de que a vida em comunidade demanda engajamento” (PENNAC, 2008, p. 134). Na verdade, essa relação entre professores e alunos é condição *sine qua non* para que o processo de educação seja efetivado no ambiente escolar; e embora a transmissão de conhecimentos seja uma atividade sistemática, regida por regras normativas, a relação entre docentes e discentes deve ser pautada na confiança, na afetividade e no respeito para que a aprendizagem possa ser plena.

Garcia aponta para uma relação quase que religiosa entre professor e aluno, quando a finalidade da ação pedagógica constitui-se de fato na busca pela subjetivação dos sujeitos aprendizes, a formação de sua autonomia, afirmando que “[...] o trabalho docente crítico visa a transformação das consciências e o engajamento por intermédio de uma relação do tipo pastoral entre o professor ou o intelectual educacional e seus aprendizes” (GARCIA, 2002, p. 162).

Diário de escola evidencia a importância do professor na vida dos alunos. Em dado momento, o personagem principal informa: “[...] o medo foi mesmo a grande ocupação da minha escolaridade: seu ferrolho. E a urgência do professor que me tornei foi de tratar o medo dos meus piores alunos para arrebentar esse ferrolho, para que o saber pudesse ter uma chance de passar” (PENNAC, 2008, p. 23). Nesse caso, a *Bildung* que a escola deve proporcionar visa fazer com que o indivíduo possa ser levado a pensar, o que culminaria com a emancipação do sujeito, e isso para que o jovem “possa se constituir como pessoa, começando pela formação do próprio gosto até culminar na de sua integralidade como sujeito moral e político” (PAGNI, 2012, p. 39).

Em toda a obra, deparamo-nos com uma série de termos de cunho pejorativo referindo-se aos alunos, tais como nulidade, incapaz, preguiça, fracasso escolar, lerdos, lerdos e preguiçosos, termos esses tomados para si pelo jovem Pennac, uma vez que o mesmo fora um aluno presumidamente lerdo. A primeira frase de certa forma positiva do autor sobre si próprio que aparece no livro, “fabulador sincero e alegremente suicida” (PENNAC, 2008, p. 75), além de ser introduzida quando a obra já há tempos trouxe inúmeros estereótipos negativos, é ainda assim um misto de características negativas e positivas, que não deixa de expor sua paixão enquanto aluno pelo fracasso. Na verdade, os maus alunos sempre veem a si mesmos pelo viés negativo, resultado dos diagnósticos que os mestres, hierarquicamente superiores a eles, vaticinam diariamente na escola. Pennac, como mau aluno que fora e como profissional da educação que é, entende muito bem o peso do descrédito dos magistrados nos maus alunos, confidenciando ao leitor que “se nos curamos da lerdeza, não se cicatrizam jamais as feridas que ela nos infligiu” (PENNAC, 2008, p. 74).

A reflexão de Pennac sobre a prática educativa em seu romance é complexa, pois aborda tanto o lado do aluno problemático quanto o desse mesmo indivíduo passada a fase de aprendiz e já agora professor, procurando ser um educador em busca de *salvar* os jovens educandos desse fatídico processo de aprendizado que humilha, massacra e oprime os jovens indefesos, em um sistema que parece não oferecer escapatória. O autor mostra que há como pensar em um modo de ensinar diverso daquele que era (e ainda é) predominante na sociedade, pois como afirmaria Paulo Freire, por mais que as condições materiais, econômicas, sociais, políticas, culturais e ideológicas gerem barreiras de difícil superação, elas não são eternas; por isso, “Contra toda a força do discurso fatalista neoliberal, pragmático e reacionário, insisto [...] na necessidade da conscientização” como forma de conhecimento crítico e de superação de tais obstáculos (FREIRE, 2008, p. 54).

Utilizando-se de sua experiência como professor e como ex-aluno *lerdo*, Pennac elabora um discurso, com propriedade, destinado aos docentes, asseverando que “[...] a primeira qualidade de vocês deveria ser a aptidão para captar *o estado daquele que ignora tudo o que vocês sabem!*” (PENNAC, 2008, p. 231), e que “[...] o mau aluno vai dar certo quando vocês tiverem ensinado a ele como dar certo!” (PENNAC, 2008, p. 233). De fato, nossa constituição histórico-social deixa evidente que não somos seres acabados, e sim em construção, ou seja, estamos em constante aprendizado, em um eterno processo de aquisição de conhecimentos; e os professores, enquanto profissionais habilitados para transmitir o conhecimento acumulado pela humanidade ao longo da história a outros indivíduos, devem ter a sensibilidade para entender o processo de desenvolvimento cognitivo de cada educando seu, sua zona de desenvolvimento real, para que com uma intervenção adequada, ele possa chegar em uma zona de desenvolvimento potencial. Mediados pela ação do professor, o aluno será capaz de aprender de forma crítica, de propor mudanças, de sonhar; e é essa a proposta que o autor deixa entrever na obra, a da

atuação docente como veículo essencial na luta pela quebra com as condições históricas de autoritarismo das instituições de ensino.

Pennac (2008) faz uso do vocábulo *salvamento* para se referir à ação de professores que o resgataram da exclusão social, deixando explícito o papel do docente na construção de jovens autorreflexivos, críticos e emancipados. De fato, o papel do professor é preponderante na condução do processo de ensino-aprendizagem e na formação dos sujeitos aprendizes, e caso esse profissional não tenha a competência ou o interesse em estabelecer um diálogo com seus alunos de modo a levá-los à construção do conhecimento e à ressignificação do que aprendem, os obstáculos naturais à formação consciente e emancipada poderão se tornar ainda maiores, pois não somente os mestres libertadores, mas todos os educadores de um modo geral acabam por influenciar, positiva ou negativamente, a vida dos alunos. De acordo com Paulo Freire (2008, p. 66),

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Quando o professor leva os alunos a não serem apenas alvo de reprovação, quando os alunos saem dos *zeros* nas avaliações, acontece “o encantador desabrochar” (PENNAC, 2008, p. 116), seja por meio de aulas memoráveis, seja num gesto ou mesmo pelo respeito ao aluno enquanto ser humano. O problema é que aqueles que fazem educação “[...] não estão preparados para a colisão entre o saber e a ignorância” (PENNAC, 2008, p. 230), e apesar dos esforços de teóricos, professores, filósofos e outros profissionais para que a educação seja capaz de colaborar na formação de seres autônomos, a escola nunca conseguiu exercer este papel social na íntegra.

Mas o papel da escola, longe de desrespeitar as diferenças de aprendizado ou as dificuldades de docilização dos jovens no ambiente escolar, deveria ser na verdade o de proporcionar a todos oportunidades de desenvolvimento cognitivo e de aprendizado dos conteúdos ministrados na sala de aula, pois a escola é o ambiente por excelência de transmissão do conhecimento historicamente acumulado pelos homens, conhecimento este reconhecido atualmente como direito de todo ser humano. Na verdade, a criação do ambiente escolar se deu para que aqueles que pudessem nela frequentar tivessem uma formação ampla, compreendendo aí tanto a aquisição de conhecimentos quanto o aperfeiçoamento da moral e dos bons costumes. Hoje, para o mundo ocidental, com o advento da democracia e do direito de igualdade humano como fator biológico, a educação encontra-se acessível a todos os que a queiram; em muitos casos, como no Brasil, ela chega inclusive a ser obrigatória para uma determinada faixa etária.

Mas o problema é que a escola acabou se mostrando incapaz de realizar seu verdadeiro objetivo (formar científica e culturalmente todos os homens), talvez menos por

culpa dos profissionais da educação do que pelo sistema educacional em si, pois enquanto aparelho do governo, a escola segue suas normas e ideologias, contendo excelentes dispositivos de subjetivação/assujeitamento dos indivíduos. A escola, pela veiculação de práticas, saberes e valores autenticados pelo poder público, tem o poder de conformar o campo do que é possível perceber, dizer, pensar, sentir, julgar e fazer. Assim sendo, as instituições educacionais podem não funcionar como espaços de “preparação” dos educandos para o futuro ou para uma melhor inserção na sociedade, mas como territórios de sujeição dos indivíduos pela dependência e controle instituídos pelas técnicas do poder disciplinar lá disseminadas (KOHAN, 2000, p. 148).

Justamente por identificarem esse poder da ideologia veiculada no ambiente escolar, inúmeros teóricos, profissionais da educação, filósofos, sociólogos etc. no mundo inteiro expuseram suas preocupações, dúvidas e questionamentos, desencadeando novas propostas de ensino que tentavam romper com a educação vigente, com a forma estandarizada de ensino que acomoda os educandos, dociliza suas mentes e os assujeita à conformação sócio-política-econômica dominante.

Foi por entender esta lacuna nas atividades pedagógicas que Daniel Pennac (2008) resolveu, partindo de sua experiência de mau aluno, ser professor, para poder salvar mais jovens desse sistema excludente. E a decisão dele foi de fato a mais acertada, pois, como assevera Paulo Freire (2008, p. 90), “[...] a minha experiência discente é fundamental para a prática docente que terei amanhã”.

Mesmo não sugerindo mudanças bruscas no sistema escolar, a simples experiência do personagem, que de jovem lerdo, delinquente e afogado no meio escolar e no social, passa a ser justamente o oposto, um professor de francês bem sucedido e renomado, deixa evidente no romance que outros salvamentos mais são possíveis, que não se pode simplesmente anular o aluno no microcosmo escolar, mas sim procurar resgatá-lo, dar-lhe condições para que aprenda e desenvolva suas potencialidades.

Mas a sociedade ainda é tão arraigada à taxação de incompetentes àqueles que não acompanham o processo de ensino que, no caso específico de Pennac, mesmo este tendo superado os traumas da juventude, tendo se formado, conseguido emprego como professor e tenha se tornado um escritor renomado, a sua própria família, especialmente sua mãe, acreditava que ele ainda não tinha conseguido um lugar ao sol; ainda caminhava tortuosamente pela vida.

Na verdade, o ambiente escolar promove certa violência contra os educandos: agindo de modo velado nos mais diversos setores, influencia na construção de uma hierarquia do que é mais importante ou melhor para o aluno, desde os conteúdos ministrados à própria cultura, impondo formas de apreciação e de percepção do real e dando, assim sendo, um sentido específico ao mundo. É Chartier quem afirma que

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 2002, p. 17).

No ambiente escolar, é comum atitudes autoritárias contra a insubmissão de jovens educandos ou mesmo contra a própria dificuldade de aprender; aqueles a quem falta o gosto *correto* são simplesmente marginalizados na própria sala de aula e silenciados. É contra essa atitude escolar que Pennac atua, pressionando a escola a adotar nova postura, sugerindo mais amor no magistério, mais respeito aos alunos enquanto seres humanos, pois que

O papel da educação está exatamente na elevação do ser humano pela apropriação das mediações, dos instrumentos do pensamento, do refinamento dos sentidos, do conhecimento das leis da natureza, da capacidade de expressar e comunicar sentimentos e ideias aos demais homens, enfim, a educação é o campo que deveria contribuir para a formação de indivíduos subjetivamente mais humanos. (DA MATA, 2012, p. 78).

Ao voltar à escola para salvar alunos similares ao que ele fora um dia, jovens considerados lerdos emblemáticos, ou seja, incapacitados para a sala de aula, seja por não aprenderem o conteúdo lá ministrado ou por se oporem às regras de convivência aí impostas, Pennac promove resistência contra um sistema arquitetado para a exclusão desses indivíduos no ambiente educativo. O autor de *Diário de escola* luta contra o pensamento mágico que fez dele e continua fazendo de inumeráveis jovens estudantes em todo o mundo “prisioneiros de um presente perpétuo” (PENNAC, 2008, p. 136), procurando dar-lhes capacidade de pensarem na sua própria condição de seres excluídos, buscando com isso tirar-lhes de sua nulidade, de sua inutilidade no meio escolar, pois somente pelo esclarecimento, pela tomada de consciência, é que os indivíduos podem desmitificar a realidade a que estão subordinados e passar a agir de forma crítica e participativa.

O exemplo máximo dessa conquista da autonomia na obra analisada é a própria experiência do personagem, que sai da situação de aluno, filho, indivíduo oprimido e humilhado, que “os sentia tão mais forte do que eu, os outros, os professores, os adultos...” (PENNAC, 2008, p. 27), para o nível hierarquicamente superior nesse ambiente educativo, mas não para continuar com o sistema de que fora vítima na juventude, e sim para ajudar a desfazê-lo, procurando desenvolver no aluno a autorreflexão, a criticidade, tudo isso pautado na ética. Embora consciente de que o aluno de hoje é vítima de uma má educação familiar, de problemas socioculturais e mesmo da própria lógica de merca-

do, Pennac não apresenta visão utópica, entendendo que sempre haverá dificuldades em relação ao processo de ensino-aprendizagem, mas ainda assim acredita na comunicação dos profissionais da educação com os alunos como recurso para encorajá-los a adquirirem autonomia.

CONCLUSÃO

Ao apresentar o caso do jovem Pennacchioni, aluno de uma escola do subúrbio francês, considerado pela maioria dos mestres como um *lerdo* pelo seu déficit de aprendizagem, a atitude de alguns professores encorajando-o a vencer as barreiras e superar os fracassos, e o seu resultado como um renomado professor de francês disposto a salvar outros lerdos emblemáticos como ele um dia fora, *Diário de escola* propõe aos docentes que suas ações, no ambiente escolar, possam ser contrárias ao sistema excludente que se evidencia nas escolas de hoje e de todas as épocas. É assim que Daniel Pennac vê a possibilidade de o ensino funcionar como ato de resistência, onde o professor teria o papel de auxiliar os jovens, em especial aqueles menos adaptados ao sistema escolar, para o desenvolvimento de uma autonomia crítica e emancipada.

De fato, na sociedade moderna, “[...] a escola deve servir de bússola para navegar nesse mar de conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações ‘úteis’ para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral” (GADOTTI, 2001, p. 103).

Contrariando a educação bancária, cujo único objetivo é simplesmente depositar conteúdo no discente – o qual, por sua vez, permanece passivo no referido processo –, Pennac busca inserir seus alunos na práxis educativa, proporcionando-lhes resistência à reprodução da ordem vigente no ambiente escolar, que minimiza ou mesmo anula as ações dos menos adaptados ao sistema. Pennac mostra aos leitores o prejuízo da educação tradicional, de tipo bancária, onde só acontece o arquivamento de informações, pois que nesse processo, “[...] os grandes arquivados são os homens” (FREIRE, 1987, p. 35), já que esse tipo de ensino não possibilita a criticidade nem a transformação do ser.

Em seu romance, Pennac vem nos alertar de que, muitas vezes, os professores estão “mais preocupados em buscar culpados do que em encontrar soluções” (PENNAC, 2008, p. 143). A partir dessa constatação, ele vem indicando que o professor tem o poder de ajudar seus alunos a buscarem a emancipação, resgatando-os do ambiente escolar passivo e excludente e proporcionando-lhes a liberdade de pensamento, condição essencial da *Bildung* enquanto educação voltada para um processo de autoconscientização dos indivíduos.

E é fazendo os alunos entenderem o seu papel de sujeitos históricos, dando-lhes os meios de alcançarem, cada um, sua emancipação enquanto indivíduos sociais, que o

salvamento do aluno lerdado proposto por Pennac torna-se não somente resistência contra o sistema escolar excludente, mas contra o próprio mundo capitalista e globalizado e seu sistema opressor, contra a maldade da exclusão que ele possibilita. E o papel do professor enquanto formador, nesse meio caótico, é o de divergir desse sistema excludente, ajudando na construção de jovens autorreflexivos, críticos e emancipados.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- DA MATA, Vilson Aparecido. Trabalho, subjetividade e educação em Marx. In: CHAGAS, E. F.; RECH, H. L.; VASCONCELOS, R.; DA MATA, V. A. (org.). *Subjetividade e educação*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- GADOTTI, Moacir. *Um legado de esperança*. São Paulo: Cortez, 2001.
- IVIC, Ivan; COELHO, Edgar Pereira (org.). *Lev Semionovich Vygotsky*. Recife: Massangana, 2010.
- KOHAN, Walter Omar. Subjetivação, educação e filosofia. *Perspectiva*. Florianópolis, v. 18, nº 34 p. 143-158, jul./dez. 2000.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Introdução à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Agir, 1956.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. *Bourdieu & a educação*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- PAGNI, P. A. Matizes filosófico-educacionais da formação humana e os desafios da arte de viver. In: PAGNI, P. A.; BUENO, S. F.; GELAMO, R. P. *Biopolítica, arte de viver e educação*. Marília: Oficina Universitária, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 35-50.
- PENNAC, Daniel. *Diário de escola*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Submetido em: 23/09/2016

Aceito em: 20/04/2017.

